



A premência social de atos decoloniais

Sandro Adrián Baraldi

RESUMO:

O Grupo de Pesquisa Mandacaru tem a decolonialidade como seu eixo de estudos. Por isso cada pesquisador se incumbiu de um aspecto da decolonialidade que tinha preferência. No meu caso, minha pesquisa baseou-se nas ideias de Humberto Maturana, biólogo e filósofo chileno, minha preferência pessoal. Entendo a filosofia como uma narrativa que organiza as práticas individuais e sociais. No atual contexto brasileiro é urgente pôr em prática ações orientadas por uma filosofia decolonial que construa novos modos de relacionamento que façam sentido para a nossa perspectiva histórica. É de uma inutilidade abissal reproduzir o modo de vida patriarcal trazido pelo colonialismo europeu, porque a vida aqui está desmoronando. Agimos como formigas perdidas em um formigueiro que sofreu um terremoto. Cada indivíduo preocupado apenas consigo mesmo, o *salve-se quem puder* é a metodologia prevalente. O ódio que domina as mentes é sinal psicológico de extremo terror. Tal qual um animal encurralado, atacamos tudo o que nos ameaça e tudo nos ameaça. Sem entrar em detalhes técnicos, a sensibilidade da imensa maioria do povo brasileiro é de desesperança e infelicidade. Por isso proponho a construção de uma metodologia dinâmica, que se modifique conforme as necessidades variam, de implantação de atos decoloniais que são ações pontuais que modificam o sistema

epistemológico e vivencial da atual cultura. Se não modificarmos as relações, que são individuais, entre as pessoas jamais teremos oportunidade de modificar o sistema social mundial simplesmente porque é na prática que surgem os problemas que não são detectados apenas teoricamente. Então, o primeiro ato decolonial que eu proponho é a mais forte afronta ao modelo patriarcal europeu: **o homem branco deve pensar duas vezes antes de falar**. O segundo ato decolonial é um enfrentamento ao primeiro epistemicídio provocado pelos atos patriarcais europeus e que provocou todos os outros: **a mulher deve falar primeiro e não ser interrompida**. Estes atos e outros devem ser propagados pelo sistema educacional como primeiro vetor para a implantação dessas ideias, pois elas jamais surgirão espontaneamente no *sensus communis* da cultura e é aí o seu local de atuação. Se aplicados diariamente e consistentemente creio eu que em uma geração teremos outro mundo para lidar e assim também teremos outros problemas que serão tarefas para a filosofia.

Sandro Adrián Baraldi

Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, é editor da Revista Cactácea e pesquisador do Grupo de Pesquisa Mandacaru: educação e filosofia <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963>> e do GRUPEFE. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5055-2071>>. Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>>.